

CRISTO E A SALVAÇÃO TS 501

Faculdade Internacional de Teologia Reformada

TS 501- Cristo e a Salvação Prof. Dr. Alexandre Ribeiro Lessa

Prova 1

1) Começamos a nossa disciplina falando sobre a divindade de Cristo. Discorra sobre os aspectos relacionados a autoconsciência de Jesus a respeito de sua divindade (1,0).

As Escrituras evidenciam claramente que o Senhor Jesus tinha uma autoconsciência a respeito de sua divindade. No Evangelho segundo Mateus Jesus com sua autoridade de Deus encarnado afirma: “perdoados estão os teus pecados”. No relato de seu “diálogo” com o sumo sacerdote Jesus não o contradiz acerca da afirmativa (conjuração) de ser ele o Cristo, mas apenas corrobora tal entendimento afirmando: “tu o disseste”. No Evangelho de João Jesus afirma que: “Eu e o Pai somos um”. Vemos também que o Senhor Jesus tinha clara noção do estabelecimento de seu Reino e Ele fala, em várias passagens, sobre julgar a terra. Tais evidências esclarecem de forma patente que Jesus o Cristo sabia e conhecia plenamente sua divindade.

2) Ainda na aula 1, assistimos há dois vídeos sobre a pessoa de Cristo. No primeiro deles, vimos Dr. Leandro Lima falando a respeito do Credo de Calcedônia e sobre o Nestorianismo. No segundo vídeo, vimos o Dr. Heber falando também sobre o nestorianismo e sobre a noção do *Communicatio idiomatum*. Vimos também, nos infográficos e na revisão o que é a união hipostática. Discorra a respeito: da união hipostática – (1,0); do nestorianismo (1,0); e da *Communicatio idiomatum* (1,0). [total de 3,0].

União hipostática: Trata da encarnação de Deus, a segunda pessoa da Trindade, sem divisão e sem confusão, na pessoa de Jesus Cristo que, na plenitude dos tempos, se fez carne e habitou entre nós, ao mesmo tempo 100% Deus e 100% homem.

O Nestorianismo, de forma errada, afirmava ou defendia uma divisão na pessoa de Cristo que hora agia como homem e hora com Deus ou que hora pensava com Deus, hora como homem.

O Communicatio idiomatum é a constatação da realidade da integralidade da pessoa do redentor, Jesus Cristo o Deus homem, com um “nus” divino e humano, inseparável e indivisível, porém onde não há confusão.

3) Na aula 2 continuamos a abordar a divindade de Cristo. Nela vimos o que foram ebionismo e arianismo. Discorra brevemente sobre cada um deles (2,0).

Tanto o ebionismo quanto o arianismo foram desvios heréticos na história da igreja no que se refere ao entendimento ou a aceitação da divindade de Jesus.

O ebionismo tinha o entendimento ou defendia que Jesus foi um homem comum, mas que possuía capacidades ou dons incomuns (extraordinários). Eles negavam o nascimento virginal e para eles o batismo foi um evento específico no sentido de ter efetivamente vindo o Espírito para dar as “capacidades” a Jesus.

O arianismo afirmava que apenas Deus Pai foi “incriado”, de modo que Cristo, o Verbo, foi criado, sendo a primícia da criação. Essa heresia, que negava a doutrina da Trindade, foi combatida e refutada pelo Concílio de Nicéia em 325 d.C., por convocação de Constantino e como resultado deste concílio foi produzido o Credo Niceno, que esclarece ou estabelece (de forma detalhada e clara) que há um só Deus que é trino, um só Deus em três pessoas a saber o Pai, o filho e o Espírito Santo.

4) Na aula 3 começamos a estudar a humanidade de Cristo onde discorremos sobre o docetismo e o apolinarismo. Discorra brevemente sobre essas duas heresias cristológicas (2,0).

Tanto o docetismo quanto o apolinarismo são heresias que (assim como o gnosticismo) negam a humanidade de Cristo.

O docetismo: Entendia que, pelo fato de a matéria ser má e apenas o espírito ser bom, não seria possível que Cristo houvesse encarnado de fato. Criam que Jesus tinha apenas uma aparência de homem (parecia ser) mas na realidade seria algo como um espectro.

Apolinarismo: Defendia que Jesus teria apenas um corpo humano, porém teria uma alma divina, de tal modo que sua impecabilidade seria explicada.

Tais heresias, além de não crerem na verdadeira humanidade de Jesus, dividem ou refutam a integralidade da pessoa de Cristo bem com a realidade da união hipostática.

5) Discorra sobre o nascimento virginal de Cristo e suas implicações para nossa fé (2,0).

Foi motivo de controvérsia entre teólogos ortodoxos ou conservadores e liberais. Os conservadores compreendiam a importância, veracidade e significado desta doutrina. Já os liberais relativizavam a importância da doutrina ou defendiam uma interpretação não literal das narrativas bíblicas.

Essa doutrina, fundamental, tem vasto respaldo nas Escrituras que esclarecem ou registram terminantemente que o Senhor Jesus foi concebido pelo poder do Espírito Santo no ventre da virgem Maria. Não houve concepção ordinária com a participação de um gameta masculino, não houve uma fecundação natural, mas um milagre e uma concepção virginal e sobrenatural.

Ainda que esta verdade, da concepção virginal, não fosse necessária para que Jesus fosse Deus (ontologicamente) ela foi necessária epistemologicamente, ou seja, para que soubéssemos que Ele é Deus.

Jesus foi concebido no ventre de uma virgem, sem participação de um homem, porém foi concebido da substância de Maria, pelo poder do Santo Espírito que gerou um “ente santo” que seria chamado “filho de Deus”.

No nascimento virginal vemos: o poder e autoridades de Deus sobre sua criação; que a salvação é uma iniciativa de reconciliação Deus para com os homens pecadores e

fruto apenas da graça e não do esforço humano; que a divindade de Cristo era necessária para viabilizar a salvação mas sua humanidade era necessária para que ela fosse aplicada a nós de forma federal ou representativa, por um “homem de dores que sabe o que é padecer” como profetizou Isaías; que em Cristo temos um modelo de uma humanidade, plena e verdadeira.